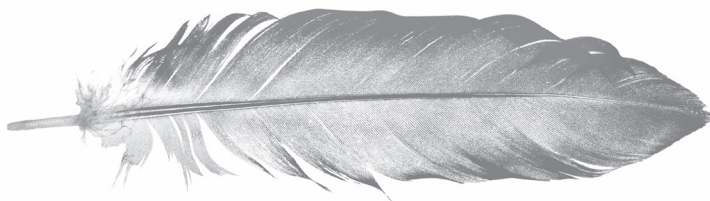
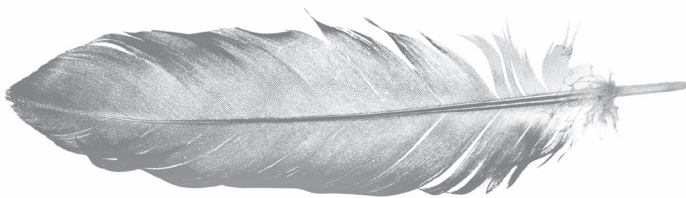


Tommy Orange

Lá não



existe lá



Tradução de Ismar Tirelli Neto

Rocco

tram em bandeiras, camisas e moedas. Nossas cabeças estiveram primeiro na moeda de tostão, é claro, o centavo com a cabeça de Índio, e depois na moeda de 5 centavos, com o búfalo, ambas antes mesmo de podermos votar enquanto povo – as quais, assim como a verdade quanto ao que se passou na história mundial, e como todo aquele sangue derramado durante massacres, encontram-se agora fora de circulação.

Massacre como Prólogo

Alguns de nós cresceram com histórias sobre massacres. Histórias sobre o que aconteceu com nosso povo não faz muito tempo. Como saímos daquilo. Em Sand Creek, ouvimos que nos exterminaram com seus morteiros. Milicianos voluntários sob o comando do coronel John Chivington vieram nos matar; éramos mulheres, crianças e idosos, majoritariamente. Os homens estavam ausentes, caçando. Tinham dito para que erguêssemos a bandeira americana. Hastemos esta e uma bandeira branca também. Rendição, tremulava a bandeira branca. Postamo-nos sob ambas as bandeiras à medida que avançavam em nossa direção. Fizeram mais do que nos matar. Eles nos dilaceraram. Mutilaram. Quebraram-nos os dedos para remover os anéis, cortaram-nos as orelhas para tomar nossa prata, escalpelaram-nos por nosso cabelo. Escondemo-nos no oco dos troncos das árvores, nos enterramos na areia à margem do rio. Esta mesma areia corria vermelha de sangue. Arrancaram bebês não nascidos de nossas barrigas, levaram o que pretendíamos ser, nossas crianças antes de se tornarem crianças, bebês antes de se tornarem bebês, eles os arrancaram de nossas barrigas. Espatifaram cabeças moles de bebês contra árvores. Depois levaram partes de nossos corpos como troféus e os exibiram sobre um palco, no centro da cidade de Denver. O coronel Chivington dançou com

nossas partes desmembradas nas mãos, com pelos pubianos de mulheres, bêbado, ele dançou, e a turba que se juntara ali diante dele era ainda pior por festejar e rir com ele. Era uma celebração.

Duro, Veloz

Fazer com que parássemos nas cidades deveria ter sido o último e necessário passo para nossa assimilação, absorção, apagamento, culminância de uma campanha genocida de quinhentos anos. Mas a cidade nos refez, e nós a tornamos nossa. Não nos perdemos em meio ao alastramento de altos edifícios, o fluxo das massas anônimas, o alarido incessante do tráfego. Encontramo-nos, fundamos Centros Indígenas, trouxemos nossos parentes e powwows, nossas danças, nossos cantos, nosso artesanato com miçangas. Compramos e alugamos imóveis, dormimos nas ruas, sob autoestradas, fomos à escola, alistamo-nos nas Forças Armadas, povoamos bares indígenas no Fruitvale de Oakland e na Missão de San Francisco. Vivemos em favelas em Richmond. Fizemos arte e fizemos bebês e fizemos caminhos para que nosso povo pudesse ir e vir entre reservas e cidades. Não nos mudamos para as cidades para morrer. As calçadas e as ruas, o concreto absorveram o nosso peso. O vidro, o metal, a borracha e os fios, a velocidade, as massas avançando às cegas – a cidade nos acomodou. Não éramos mais Índios Urbanos. Isto era parte do Ato de Relocação Indígena, o qual integrava a Política de Terminação Indígena, que era e é exatamente o que soa ser. Façam-nos parecer-se conosco, agir como nós. Tornar-se nós. E então desaparecer. Mas não foi assim. Muitos de nós vieram por escolha, para recomeçar, para fazer dinheiro, ou só para ter uma nova experiência. Alguns de nós vieram às cidades fugindo da Reserva. Ficamos depois de lutar na Segunda Guerra Mundial. Depois do Vietnã também. Ficamos porque a cidade soa como uma

guerra, e não se pode abandonar uma guerra depois de se estar numa, pode-se apenas mantê-la a uma certa distância – o que é mais fácil quando se pode vê-la e ouvi-la nas proximidades, aquele metal veloz, os disparos constantes a seu redor, veículos subindo e descendo as ruas e autoestradas como balas. A quietude da reserva, as cidades às margens das rodovias, as comunidades rurais, esse tipo de silêncio só torna ainda mais pronunciado o barulho do seu cérebro pegando fogo.

Agora muitos de nós são urbanos. Se não porque vivemos em cidades, então porque vivemos na internet. Dentro do arranha-céu de múltiplas janelas de navegador. Costumavam chamar-nos de Índios de calçada. Chamavam-nos citadinos, superficiais, inautênticos, refugiados sem cultura, maçãs. Uma maçã é vermelha por fora e branca por dentro. Mas nós somos o que os nossos ancestrais fizeram. Como sobreviveram. Somos as memórias de que não conseguimos nos lembrar, que moram dentro de nós, que sentimos, que nos fazem cantar e dançar e rezar como o fazemos, sentimentos vindos de memórias que se acendem e florescem inesperadamente em nossas vidas como sangue que escorre por um cobertor de uma ferida feita por uma bala disparada por um homem nos atirando pelas costas para tomar nosso cabelo, nossas cabeças, por um butim ou só para se ver livre de nós.

Quando vieram atrás de nós com suas balas, não nos detivemos, embora suas balas se movessem duas vezes mais rápido que o som de nossos gritos, e mesmo quando o calor e a velocidade delas nos rompiam a pele, nos estilhaçavam os ossos, crânios, nos atravessavam o coração, nós continuamos, mesmo quando vimos estas

balas mandarem nossos corpos voando pelos ares como bandeiras, como as muitas bandeiras e prédios que vimos serem erguidos no lugar de tudo o que antes era para nós esta terra. As balas eram premonições, fantasmas de sonhos de um futuro duro e veloz. As balas continuavam depois de nos atravessarem, tornavam-se a promessa do que estava por vir, a velocidade e a matança, as duras e velozes linhas de fronteiras e edifícios. Eles levaram tudo embora e trituraram até que virasse uma poeira fina feito pólvora, eles dispararam, triunfantes, suas armas no ar e as balas perdidas voaram para dentro do vazio de histórias mal-escritas e feitas para serem esquecidas. Mesmo agora, balas perdidas e consequências estão aterrissando sobre nossos corpos desprevenidos.

Urbanidade

Os Índios Urbanos foram aquela geração nascida na cidade. Há tempos que estamos de mudança, mas a terra se muda com você como uma memória. Um Índio Urbano pertence à cidade e as cidades pertencem à Terra. Tudo aqui se forma em relação a todas as outras coisas da terra, viventes ou não. Todos, nossos parentes. O processo que conduz qualquer coisa à sua forma atual – seja químico, sintético, tecnológico ou de qualquer outra espécie – não torna o produto um produto que não seja da terra viva. Edifícios, rodovias, carros – não serão da Terra? Foram importados de Marte ou da Lua? Será porque são processados, manufaturados, porque os pegamos? Seremos nós tão diferentes? Não fomos, em algum momento, inteiramente outra coisa, *Homo sapiens*, organismos unicelulares, poeira espacial, teoria quântica não identificada pré-Big Bang? As cidades se formam da mesma maneira que as galáxias. Os Índios Urbanos sentem-se em casa andando à sombra de um edifício do centro da cidade. Acabamos conhecendo o horizonte

do centro de Oakland melhor que qualquer cordilheira sagrada, as sequoias das colinas de Oakland melhor que qualquer outra mata profunda e selvagem. Conhecemos o som da rodovia melhor que o dos rios, o uivo de trens distantes melhor que o uivo dos lobos, conhecemos o cheiro da gasolina e do concreto ainda úmido, o cheiro da borracha queimada, melhor que o cheiro do cedro, da sálvia ou mesmo do pão frito – que não é tradicional, assim como as reservas não são tradicionais, mas nada é original, tudo deriva de algo anterior, que já foi nada. Tudo é novo e está condenado. Andamos de ônibus, trens e carros através, sobre e por debaixo de planícies de concreto. Ser Índio nunca teve relação com retornar à terra. A terra é toda parte e parte alguma.